

© 2018 by Vier-Türme-Verlag, Münsterschwarzach, Alemanha.

Título do original em alemão:

Gott wieder finden- und warum es gar nicht nötig ist, ihn zu suchen

Tradução: Markus A. Hediger

Revisão: André Barreira

Capa e paginação: Luís Valente

Impressão e acabamento:

1.ª edição: janeiro 2020

ISBN: 978-972-30-2156-1

Depósito legal:

© PAULUS Editora, 2020
Rua D. Pedro de Cristo, 10
1749-092 Lisboa
Tel. 218437620
editor@paulus.pt

Departamento Comercial
Estrada de São Paulo, 63
2680-294 Apelação
Tel. 219488870
apoiocliente@paulus.pt
www.paulus.pt

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por quaisquer meios, eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópias, gravações ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informação sem autorização prévia, por escrito, do editor.

Zacharias Heyes

COMO
ENCONTRAR
DEUS

...e porque nem é preciso procurá-l'0



PAULUS

PAULUS Editora

PREFÁCIO

Quando, de novembro de 2016 a novembro de 2017, nós, monges, celebrámos os mil e duzentos anos de existência da abadia de Münsterschwarzach, o nosso irmão Meinrad Dufner organizou uma exposição na igreja da abadia. Essa exposição não era uma representação histórico-cronológica dos mil e duzentos anos de história da nossa abadia, mas uma atualização da fé cristã. A exposição estendia-se também ao coro e ao altar. Lá, ao lado da grande figura de Cristo ressuscitado, o irmão Meinrad tinha instalado uma cumprida escada de corda que pendia do teto. Era fácil reconhecê-la como a escada de Jacob. O que a tornava especial era a sua aparência e a possível interpretação dessa obra de arte. A escada estava embrulhada em folha de alumínio dourada. Ao entrar na igreja, o visitante podia ver essa escada dourada, que o recebia com o seu brilho e atraía o seu olhar. Muitos acreditavam que essa escada era um elemento permanente da igreja, pois inseria-se perfeitamente no espaço e na história da nossa fé e da nossa vida.

A escada de Jacob lembra, em primeiro lugar, a narrativa deste patriarca de Israel no Antigo Testamento. Jacob tinha roubado a bênção de primogénito ao seu irmão Esaú. Por isso, Esaú queria vingar-se de Jacob, que assim se viu obrigado a fugir. Jacob acampou em Harã. Deitou-se sobre uma pedra e teve o sonho da “escada que descia do Céu”. Nesse sonho viu uma escada que subia da Terra até o Céu e pela qual desciam e subiam os anjos de Deus. Jacob ficou tão impressionado com este sonho que, ao acordar, disse: «De facto, o Senhor está neste lugar e eu não o sabia.» (GN 28,16) Mas de repente ficou com medo e disse: «Este lugar é terrível! Não é nada menos que a Casa de Deus e a Porta do Céu.» (GN 28,17)

Jacob ungiu a pedra sobre a qual tinha dormido e ergueu-a. Se Deus o mantivesse vivo e lhe permitisse sobreviver à sua situação de vida, ele regressaria a esse mesmo lugar e construiria uma casa para o Senhor. Jacob percebeu que o local onde se encontrava era o local da presença de Deus. Ele estava presente naquele lugar terreno, e não apenas lá no “alto”, no Céu.

Quando participei na inauguração dessa exposição do irmão Meinrad, lembro-me de como ela abriu os meus olhos de uma forma nova para a minha fé, graças, principalmente, ao que o meu confrade disse. Ele observou que o Cristianismo é uma religião cuja característica essencial é que o ser humano não precisa de se esforçar constantemente para chegar a Deus, para encontrar um caminho até Ele, para “mostrar serviço” para que Deus o aceite. Por outras palavras: o cristão não precisa de se perguntar incessantemente como pode subir até Deus ou que degrau na escada para o Céu já subiu. O Cristianismo parte da premissa de que o movimento fundamental segue a direção de Deus para o Homem. Foi Ele quem desceu do Céu e alcançou o ser humano.

O evento decisivo é a Encarnação de Deus em Jesus. Os cristãos acreditam que em Jesus o próprio Deus Se tornou homem. Ele viveu entre as pessoas, deu-lhes o seu amor, a sua amizade, curou-as e instruiu-as. As pessoas que conhecem Jesus recebem uma nova esperança e força através desse encontro. Deus encontrou o ser humano no homem Jesus. O desejo de Deus é estar presente entre as pessoas, porque Ele ama os seres humanos.

O ouro da folha de alumínio que o irmão Meinrad usou para envolver a escada não tinha apenas uma função prática, mas também uma função simbólica. Como metal infinitamente precioso, o ouro remete para a valiosa dignidade que o ser humano tem para Deus, uma vez que é uma criatura sua – para Deus, o ser humano é muito mais valioso do que o ouro. Aquele que parte em busca de Deus não precisa de ficar constantemente no “modo de procura”, mas ter apenas a disposição interna de permitir que Deus o encontre e de O encontrar no meio das pessoas.

Muitas gerações, porém, foram marcadas por uma educação cristã que ensinava às pessoas como elas deveriam ser, o que precisavam de fazer e de deixar de fazer se queriam ser um “bom” cristão, porque Deus não as amaria se fizessem ou deixassem de fazer determinadas coisas. Por isso, muitos cristãos ainda acreditam que Jesus teve de morrer na cruz porque Deus exigia um sacrifício para reconciliar o Homem com Deus. O pecado dos homens – assim imaginam – tinha-O enfurecido, magoado, ferido, de modo que esse sacrifício tinha-se tornado necessário.

O pensamento, porém, de que Deus encontrou o ser humano e que ainda o procura, que o ser humano pode ser encontrado, alivia essa tensão. Este pensamento liberta-nos. Com este livro, quero convidar-vos, queridos leitores, a percorrerem um caminho comigo. Um caminho para encontrar Deus (novamente). No meio das vossas vidas. No meio do vosso dia a dia.

Na primeira parte, este caminho inicia-se com as pessoas bíblicas e as suas experiências com Deus – com experiências-chaves. Em Jesus é evidente que Deus não só Se aproximou das pessoas, mas que Ele está nas pessoas, Ele mesmo tornou-Se homem e, como tal, pôde ser vivenciado pelos outros. Na segunda parte, o caminho leva à descoberta de Deus em mim e no outro, pois em Jesus evidencia-se que aquele que deseja encontrar Deus precisa de procurar o ser humano.

O caminho leva-nos, então, na terceira parte, aos desafios para a Igreja que daí resultam: se Deus está no meio da vida, no quotidiano e entre as pessoas, então é exatamente aí que a Igreja precisa de estar. A Igreja precisa de caminhar na direção das pessoas e estar com elas. Mas isto tem consequências também para o culto, para os rituais e para a forma da Igreja dos nossos dias. A pergunta é: a Igreja é apenas administradora da tradição, dos rituais, das formas, ou está disposta a envolver-se com as condições de vida do ser humano de hoje? A Igreja rejeita ou encontra o Deus vivo no meio das pessoas vivas?

Desejo-vos uma viagem de muitas descobertas excitantes e surpreendentes!

PAULUS Editora

DEUS ENCONTRA O SER HUMANO

EXPERIÊNCIAS BÍBLICAS ESSENCIAIS

Adão e Eva

A primeira narrativa da criação no Antigo Testamento conta, no Livro do Génesis, que Deus criou o ser humano no sexto dia. A Bíblia diz que ele foi criado à imagem e semelhança de Deus. Isto diz-nos algo que, ainda hoje, serve como fundamento para a dignidade singular do ser humano: juntamente com toda a criação, ele não é apenas um “produto do acaso” ou um capricho da evolução, mas resultado da vontade de Deus.

Ao mesmo tempo que essa narrativa motivou grupos fundamentalistas a interpretá-la no sentido literal e, assim, a rejeitar totalmente a teoria da evolução, também existem vozes na pesquisa moderna que afirmam que, a despeito de todo o acaso, por detrás da criação deve existir algum sentido, alguma ideia ou plano. Aqui, a teoria da evolução e a narrativa bíblica encontram-se. O sentido da narrativa bíblica não é oferecer um relato científico-cronológico exato sobre o desenvolvimento do mundo, mas responder à pergunta: qual é a ideia por detrás de tudo isto? E enquanto a teoria da evolução responde à pergunta de como a criação, a Terra, o Universo e o Cosmo surgiram e que processos ocorreram em cada momento, a narrativa bíblica responde à pergunta sobre o porquê ou sobre o para quê, sobre o sentido de tudo.

As narrativas da criação (existem duas: GN 1,1-2,4a e GN 2,4-25) refletem sobre a pergunta da origem do mundo. Ambas foram escritas tendo como pano de fundo a imagem do mundo do seu tempo (mais ou menos 500 a. C.); portanto, encontramos nelas algumas declarações que nos soam estranhas nos

tempos de hoje. Uma delas é a instrução de Javé de que o ser humano deve subjugar a criação ou, como dizem algumas traduções, «dominá-la». Há também a afirmação de que a mulher foi criada a partir de uma costela do homem – da costela de Adão. No entanto, quando lidamos com estas histórias, é importante reconhecer o sentido ou a intenção do texto. Infelizmente, a ordem de subjugar a Terra foi interpretada literalmente durante muito tempo. Mas o que o texto quer dizer é que devemos proteger os recursos da Terra e usá-los de um modo que sirvam a todos. As narrativas não querem dizer que o ser humano deve usar o mundo para os seus próprios fins, mas que tem a responsabilidade de garantir que todos os seres vivos – pessoas, animais, plantas – possam ter uma vida boa.

No passado, a maioria das sociedades – e muitas ainda nos dias de hoje – via a mulher como serva do homem, e não como companheira igualitária, também por causa da afirmação bíblica de que a mulher foi tirada da costela do homem. No entanto, na primeira narrativa da criação (GN 1,1-2,4a) diz-se também que Deus criou o ser humano como homem e mulher. Isto é uma afirmação clara. Não existem diferenças aqui, apenas um «e». Homem e mulher vivem juntos e relacionam-se um com o outro. Recentemente, quando na Alemanha se discutiu o casamento civil de casais homoafetivos, bispos e políticos citaram essa passagem, insistindo que o casamento era a união vitalícia de marido e esposa, porque Deus tinha criado o ser humano como homem e mulher. No tempo em que o texto foi escrito, essa forma de convívio certamente era a norma. A tradução ecuménica, publicada em 2016, revela aqui que Deus criou o «masculino» e o «feminino».

Para mim, isto significa que Deus dotou a criação e o ser humano de qualidades femininas e masculinas, que se desenvolvem no ser humano de maneiras diferentes. Outro tema que reconheço aqui é a vida de todos os seres humanos que não se encaixam na imagem clássica de uma relação entre homem e mulher, de todos aqueles que têm sentimentos homoafetivos, de todos

os intersexuais que não se veem claramente como homem ou mulher e dos transexuais que se sentem como se tivessem nascido no corpo errado. Na minha opinião, estes temas têm de ser refletidos teologicamente, levando em consideração as descobertas científicas e psicológicas mais recentes.

Até agora, a fé cristã tem, com base na narrativa da criação, partido do pressuposto de que o ser humano nasce ou como homem ou como mulher e que ambos estão relacionados um com o outro. Agora, porém, precisamos de responder novamente à pergunta de como estes temas devem ser avaliados do ponto de vista da Bíblia.

A Igreja Católica respeita as pessoas não-heterossexuais, mas proíbe-as de viverem os seus sentimentos, o seu amor e a sua vida. Eu não acredito que a interpretação da narrativa da criação, segundo a qual apenas o homem e a mulher foram criados um para o outro, seja a única correta. O ponto decisivo e fundamental na história da Bíblia sobre a criação do ser humano é que Deus iniciou um processo para que o ser humano viva como sua imagem na Terra. Como imagem de Deus, ele merece ser tratado com respeito. Não importa a qual povo, cultura ou nação uma pessoa pertença, não importa qual seja a sua identidade sexual. Os seres humanos estão sempre em relação uns com os outros, devem ter um parceiro ou uma parceira que lhes seja “igual”. Nessa pessoa, à qual está relacionado, ele pode e deve reconhecer a grandeza e a beleza de Deus. Deus cria o ser humano e espelha-Se nele. É interessante que, na narrativa da criação, Deus fala de Si mesmo no plural. O texto diz: «Façamos o homem [...]» (GN 1,26).

O plural ou serve para ressaltar a autoridade de Javé ou é um indício de uma antiga convicção: a antiga fé judaica atribuía uma esposa a Javé – Aserá. O rei Manassés até colocou uma imagem dela no templo judaico. Só quando a religião de Israel se transformou cada vez mais num monoteísmo é que Aserá foi sendo esquecida aos poucos. No Livro de Oseias encontramos uma fórmula que Deus usa contra Aserá, uma fórmula que, no Judaísmo, era conhecida como “fórmula de divórcio”. Talvez isso também

seja um reflexo do processo em direção ao monoteísmo. O que permanece importante é que o próprio Deus é relacionamento – masculino e feminino. Na fé cristã, isto é notório na doutrina da Trindade de Deus, na relação entre as três pessoas divinas: Pai, Filho e Espírito Santo. Se hoje quisermos encontrar Deus, a relação com os outros, o convívio com os outros e o reconhecimento da imagem de Deus no outro são essenciais.

Abraão

Abraão é uma das figuras mais marcantes da Bíblia e da história da Religião. Ainda hoje, judeus, muçulmanos e cristãos veem-no como patriarca. Ismael, seu filho, que Abraão gerou com a sua serva Agar, é considerado o ancestral de Maomé, fundador do Islão. Isaac, o segundo filho de Abraão, que ele gerou com a sua esposa Sara, é o pai de Jacob, cujos doze filhos são os fundadores das doze tribos de Israel, e, portanto, do Judaísmo. Jesus, no qual o Cristianismo se fundamenta, é descendente do povo de Israel.

Abraão marca o início da longa história da fé de muçulmanos, judeus e cristãos, que sempre confiaram no Deus de Abraão. Hoje, quatro mil milhões de pessoas pertencem a uma das chamadas religiões abraâmicas (2,3 mil milhões de cristãos, 1,57 mil milhões de muçulmanos, 15 milhões de judeus). Ainda que as práticas religiosas sejam muito diferentes, estes números mostram a dimensão que estas três religiões têm até hoje.

Nascido numa família de nómadas em Ur, na Caldeia (atualmente no sul do Iraque), Abraão estava habituado a andar de lugar em lugar, a não permanecer muito tempo num único local, pois as cabras e as ovelhas precisavam de pastos. Ele conhecia bem os prados e os desertos. Quando Ur, a sua cidade natal, foi ocupada por tropas inimigas, a sua família fugiu para Harã, na atual Turquia.

Visto que Ur ficava na Caldeia e essa região pertencia aos Babilónios, Abraão deve ter tido contacto também com a religião